

Celso Pinto



John Reed *Economia Brasil* e o Brasil

Quarta-feira da semana passada, o presidente mundial do Citibank, John Reed, e o vice-presidente, Bill Rhodes, jantaram com um pequeno grupo de banqueiros em São Paulo. A avaliação geral sobre o Brasil foi positiva, mas ambos descartaram a idéia de que o Citi estaria montando um pacote bilionário de recursos para o Brasil.

A conversa reuniu representantes do Bradesco, Itaú, BBA, ABN-Amro/Real e Lloyds Bank no restaurante Massimo. Serviu para uma troca de impressões. Ficou claro, na conversa, que ainda existe um clima de apreensão em relação ao que poderá acontecer com o Brasil. É vital que não haja más notícias no exterior que possam prejudicar o país, como uma crise cambial na China.

Reed se disse bem impressionado, contudo, com suas conversas com clientes do setor privado do Citi no país. O Brasil tem uma vantagem importante em relação a outros países que sofreram crises cambiais, lembrou. Aqui, o setor privado sofreu menos.

Muitas empresas e bancos estavam protegidos contra a desvalorização cambial, através de operações de *hedge* no mercado futuro de dólares. Os prejuízos foram mais localizados. O setor bancário, no Brasil, está em situação melhor do que em outros países que sofreram crises cambiais.

Por essa razão, Reed imagina que a desvalorização poderá gerar uma reação positiva em termos de aumento de exportação e produção interna para substituir importações que ficaram caras demais.

Não há, contudo, nada de concreto em relação a um suposto pacote de recursos para o Brasil que o Citi estaria disposto a colocar de pé, junto com outros bancos internacionais. Quando foi feita a pergunta sobre o pacote, a reação de Rhodes foi dar risada.

A verdade é que, se o Citi está considerando uma idéia nessa direção, até agora não contatou bancos internacionais que, necessariamente, entrariam em qualquer pacote para o Brasil. Apoio, sem dúvida, o Brasil precisa. Está mais difícil renovar linhas comerciais, de curto prazo, hoje do que estava no pior da crise russa, em setembro do ano passado.

Alguns grandes bancos mais envolvidos com o país estão mantendo suas linhas, mas não bancos menores. Ainda há o medo de um colapso. Para quem decide alocação de riscos nos bancos, seria preciso ter fatos novos, positivos, para justificar um aumento da carteira brasileira. Um acordo com o FMI ajudaria. Ter um resultado positivo na balança comercial poderia ajudar ainda mais.

Existe um rumor, no mercado, de que o Banco Mundial estaria estudando compor parte do pacote para o país com recursos que poderiam reforçar as linhas de crédito para o comércio exterior. Por enquanto, é só um rumor.

Nem todos os sinais, contudo, são negativos. Ontem, apesar de ter sido duramente afetada pelo Brasil, a Argentina conseguiu colocar US\$ 1 bilhão em bônus globais internacionais com 20 anos de prazo. O prêmio ficou em 678 pontos básicos de porcentagem acima do pago pelo Tesouro americano para o mesmo prazo, o que é razoável.

Nas duas últimas semanas, a mesma Argentina já havia colocado o equivalente a US\$ 500 milhões em bônus denominados em euros e mais US\$ 200 milhões numa colocação privada. O México, há duas semanas, vendeu US\$ 1 bilhão em bônus.

São US\$ 2,7 bilhões em títulos latino-americanos em 15 dias. Prova de que o mercado está com mais apetite por risco latino do que esteve nos últimos meses. Isso é bom para o Brasil.

Não se conhece nenhuma proposta, hoje, para o Brasil lançar papéis no mercado internacional. Alguns bancos de investimentos internacionais acham que isso só deverá acontecer no segundo semestre. Às vezes, contudo, o mercado surpreende.

Depois de um clima péssimo para o Brasil em setembro e boa parte de outubro do ano passado, já no final de outubro e começo de novembro o Banco Central recebeu inúmeras propostas de emissões de bônus por parte de bancos internacionais. Não aceitou nenhuma, o que, olhando em retrospecto, talvez tenha sido um equívoco. Hoje, seria menos provável o Brasil recusar propostas como essas.